



Divulgação

'Nise' venceu o Festival de Tóquio e rendeu prêmio japonês para sua estrela



Divulgação

'Índia, a Filha do Sol' teve projeção na Quinzena de Cannes, em 1982



Divulgação

A atriz com Paulo Miklos em 'É Proibido Fumar', de Anna Muylaert, consagrado com um balde de Candangos no Festival de Brasília



Divulgação

Presente como atriz em grandes sucessos nacionais de bilheteria, Glória Pires estreia na direção em 'Sexa'

“Estou em quase 90% do filme, mas abrir espaço para todos contribuírem foi um gesto fundamental”

GLORIA PIRES



Helena Barreto/Divulgação

Glória vive uma consumidora compulsiva na comédia 'Desapega', de Hsu Chien



Divulgação

Gloria com Miranda Otto em 'Flores Raras', que passou pela Berlinale

seu rosto ser projetado com pompas nas telonas da Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes, em 1982, em 'Índia, a Filha do Sol', sob a direção de Fábio Barreto (1957-2019), seu parceiro em muitos títulos, inclusive 'O Quatrilho'. Voltou a aparecer na Croisette em 1984, no épico 'Memórias do Cárcere', que assegurou o Prêmio da Crítica a Nelson Pereira dos Santos (1928-2018) e vendeu 1.113.125 ingressos. Em 1989, foi Sandra em 'Jorge, Um Brasileiro' (1989), que correu

estradas planeta adentro, com Dean Stockwell (1936-2021) na boleia.

Ali pelo fim dos anos 2000, Gloria teve uma sinergia criativa preciosa com Anna Muylaert em 'É Proibido Fumar' (2009), vencedor com pompa e circunstância do Festival de Brasília. Marola alguma embaça o desempenho da atriz nessa produção. Na sequência, em 2013, foi a vez de ela comover a Berlinale, em solo alemão, com 'Flores Raras', de Bruno Barreto, contracenando com a australiana Miranda Otto,

a Eowyn de 'O Senhor dos Anéis'. Viveu a arquiteta Lota de Macedo Soares (1910-1967).

Há dez aos, Gloria emprestou seu talento ao delicado 'Nise', de Roberto Berliner, que venceu o prêmio do júri popular do Festival do Rio, ao narrar a cruzada contra a brutalidade manicomial da Dra. Nise da Silveira (1905-1999). O longa ganhou o Festival de Tóquio, no Japão, e deu à atriz uma láurea nipônica de melhor interpretação.

Quando o Brasil ainda expecto-

rava o ranço da pandemia, penando salas vazias para bons filmes nacionais, Gloria ajudou 'Desapega!', de Hsu Chien Hsin, a virar coqueluche e inflar o público de muito multiplex. Espera-se um destino similar de 'Sexa'. Sua taxa de riso em oferta é alta.

Lançado na abertura do Festival do Rio, 'Sexa' chegou à 49ª Mostra de São Paulo de mansinho, em outubro, sem alardear suas potências – e são muitas, sobretudo em seu roteiro, primoroso em rela-

ção a diálogos –, apoiada apenas no fato de marcar a estreia de Gloria na direção de longas. É um fato, em si, atraente, sabendo-se que estamos falando de uma atriz que é um sintagma vivo de Brasil, capaz de falar com muitas classes sociais, quicando bem do melodrama à comédia, com saltos do drama realista, sempre com eficácia. Fez jus à ladainha do "cinema é a maior diversão", mas, de quebra, faz a gente pensar... e sentir. Não à toa, seu primeiro longa como realizadora saiu da maratona paulistana com o status de "filme delícia".

Escrito por Guilherme Gonzalez, com colaboração de Bianca Lenti e da própria Gloria, 'Sexa' é uma crônica de costumes das boas, com clima "Sessão da Tarde" até quando propõe o balanço de angústias geracionais – em relação ao amor romântico e ao amor maternal – de mulheres na casa dos 60. A fotografia dionisiaca de Kika Cunha calça plasticamente o script com um colorido quente, sem extrapolar as CNTPs do gênero, sem dar uma de Almodóvar.

O bate-bola de frases do elenco é rico, mas há uma riqueza igualmente valiosa na direção de arte de Mônica Delfino que calça conversações, desabafos, transas e DRs que sempre mantêm o pé no chão, com atenção ao real, sem alienações. É mais "Malu Mulher" do que "Sex and the City". Não há deslumbres, há alianças.

Tudo se desenha a partir do "sacode" que a vida dá em Bárbara, uma revisora de livros, fã da literatura de Clarice Lispector, que, ao chegar aos 60 anos, enfrenta uma série de mudanças bruscas. Gloria encara esse papel com o garbo de sempre. Torna crível (e universal) o engasgo da personagem diante das cobranças do filho músico esquerdo-macho. Nas falas inesquecíveis, chama-se quem "sessentou" de integrante do "clã das cicatrizes". Fala-se de rugas como "marcas de combate", numa pensata de Rosamaria Murtinho, que esbanja sabedoria numa participação luxuosa.

A figura vivida por Rosamaria ajuda Bárbara a conjugar o verbo "amar" na desinência da leveza, diante de sua coqueluche frente ao técnico de Informática viúvo (porém 25 anos mais jovem) chamado Davi (um papel defendido com afínco por Thiago Martins). O boyzinho mexe com seu miocárdio, mas ela teme conflitos intergeracionais, teme abandonos (que não virão). Nessa trupe cheia de graça, destaque ainda uma Isabel Filardis faiscando de carisma em seu trabalho como Cristina, vizinha e amiga n.1 da protagonista. Outro show vem de Eri Johnson, como o pai todo pimpão de Davi. Esse povo todo encontra seu jeito de solar, mas também de dividir a bola com elegância, numa partida em que Gloria vence todo e qualquer marasmo.

Que filme de novo logo... de-pressa.